

IMPRESSÕES CAMILIANAS SOBRE *LE PORTUGAL À VOL D'OISEAU* (1879) DE MARIE RATTAZZI

Fernando Alberto Torres Moreira (UTAD / CICANT)

ABSTRACT

Marie Rattazzi, born Marie Leticia Bonaparte Wyse, a writer, organiser of literary salons, journalist and magazine founder, a woman of letters and a prominent socialite, and the grandniece of Napoleon Bonaparte, wrote, based on her observations during her visits to Portugal in 1876 and 1879, a book containing her impressions on a wide range of themes, which she titled *Le Portugal à vol d'oiseau – Portugais et Portugaises*. The publication of the work generated some positive and many negative reactions in intellectual circles, with Camilo Castelo Branco writing a critical and humorous pamphlet that sparked a heated controversy. This article aims, through a documentary analysis, not only to assess the origins of this controversy but also to interpret Castelo Branco's text within the broader cultural context of late 19th-century Portugal.

Keywords: Marie Rattazzi; Camilo Castelo Branco; Controversy; 19th-century Portugal.

RESUMO

Marie Rattazzi, de seu nome batismal Marie Leticia Bonaparte Wyse, escritora, organizadora de salões literários, jornalista e fundadora de revistas, mulher de letras e de sociedade afirmativa, sobrinha-neta de Napoleão Bonaparte, escreveu, como resultado da observação aquando das suas visitas a Portugal nos anos de 1876 e 1879, um livro com as suas impressões de larga variedade temática que intitulou *Le Portugal à vol d'oiseau – Portugais et Portugaises*. A publicação da obra gerou algumas reações positivas e muitas negativas no meio intelectual, tendo Camilo Castelo Branco escrito um libelo crítico-jocoso que espoletou acesa polémica. O artigo, que se apresenta, pretende, através de uma hermenêutica documental, avaliar não só o que esteve na origem desta polémica como também fazer uma leitura do texto camiliano num quadro cultural mais vasto do final do século XIX português.

Palavras-chave: Marie Rattazzi; Camilo Castelo Branco; Polémica; Portugal século XIX.

Recebido em 13 de maio de 2026

Aceite em 18 de junho de 2026

DOI: [10.58155/revistadeletras.v3i1.716](https://doi.org/10.58155/revistadeletras.v3i1.716)

Introdução

O final do século XIX em Portugal foi marcado por um intenso escrutínio cultural e social, muitas vezes provocado pelo olhar de observadores estrangeiros que visitavam o país. Um dos episódios mais vibrantes desta época foi a publicação, em 1879, da obra *Le Portugal à vol d'oiseau – Portugais et Portugaises*, escrita por Marie Rattazzi. Sobrinha-neta de Napoleão Bonaparte e figura de destaque nos salões literários europeus, Rattazzi reuniu no seu livro impressões colhidas durante as suas visitas a Portugal entre 1876 e 1879. A obra, composta por 25 cartas temáticas, oferece uma visão crítica e muitas vezes jocosa sobre instituições como a monarquia, o clero, a justiça e os costumes do povo português. Ao adotar uma perspectiva de sobrevoos (à *vol d'oiseau*), a autora confrontou a realidade nacional com a mentalidade positivista e cosmopolita do centro europeu, descrevendo Portugal como uma periferia arcaica e fatalista. Esta abordagem centrada e cosmopolita funcionou como um espelho para a sociedade portuguesa, desencadeando uma das mais célebres polémicas literárias do século XIX, liderada pelo romancista Camilo Castelo Branco. O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma metodologia qualitativa que consistiu numa análise documental do texto de Marie Rattazzi e da reação de Camilo Castelo Branco vertida do opúsculo *A Senhora Rattazzi*, e de artigos em jornais e revistas da época, bem como de ensaios críticos e peças jornalísticas contemporâneos.

Marie Rattazzi: a mulher, as estadias em Portugal e a receção da obra

A publicação da obra *Le Portugal à vol d'oiseau – Portugais et Portugaises*, no ano de 1879, por Marie Rattazzi, em resultado das duas visitas efetuadas ao país nos anos de 1876 e 1879 suscitou reações díspares entre a intelectualidade e jornais portugueses. Entre os que reagiram negativamente, o destaque vai para Camilo Castelo Branco que publicou um opúsculo polémico e que gerou ainda mais polémica intitulado *A Senhora Rattazzi* (1880), no qual aprecia jocosa e negativamente não só alguns aspetos da publicação como da própria autora. Marie Rattazzi responderia ao romancista de Seide e a outros detratores do seu livro na introdução ('Novo Prefácio da edição portuguesa' – 1881) à tradução para português feita por Guimar Torreção, sua amiga, escritora e ativista portuguesa na luta pela emancipação da mulher.

Mas, quem foi Marie Rattazzi? Quais as razões do agastamento de Camilo Castelo Branco?

Marie Leticia Studolmire Wyse nasceu em Waterford, na Irlanda, em 1833, e faleceu em Paris, no ano de 1902; era considerada uma mulher de Letras já que, além de poetisa e romancista, foi dramaturga, jornalista, tradutora, fundadora de várias revistas e jornais; assinou artigos sob os pseudónimos de *Le baron de Stock* ou *Bernard Camille* e era igualmente conhecida como La Muse des Alpes.

Era filha de Letizia Bonaparte (1804-1871), sobrinha de Napoleão Bonaparte, e de Sir Thomas Wyse, membro do parlamento britânico; aos 15 anos casou, no que foi uma atitude de irreverência contra a mãe, com um rico comerciante alsaciano, Frederico Solms, de onde lhe terá vindo o título de condessa e também o facto de ser conhecida como “Princesse de Solms”. Casaria em segundas núpcias com o político italiano Urbano Rattazzi, deputado, várias vezes ministro e duas primeiro-ministro do rei Victor Emanuel II. Contrairá ainda um terceiro casamento em 1880 com um engenheiro, jornalista e ex-deputado das cortes espanholas, D. Luiz Rute.

Nos anos 50, os seus salões e jantares literários eram famosos em Paris, sendo frequentados por figuras notáveis e de reconhecido prestígio social e intelectual, nomeadamente escritores como Victor Hugo, Gérard de Nerval, Saint-Beuve, Alexandre Dumas, George Sand ou Eugène Sue.

De espírito rebelde, liberal politicamente e de hábitos demasiado livres à época numa mulher, teve de abandonar Paris e foi viver para a Sabóia, mais precisamente em Aix-les-Bains, atual sul de França, mas na altura parte integrante do território da Sardenha, onde mandou construir um teatro, criou a revista literária *Les Matinées d’Aix-les-Bains* (1863) e o *Journal du Chalet*, publicações das quais era diretora e editora-chefe.

O seu segundo casamento levou-a para Turim, onde fundou *Les Matinées Italiennes*, uma revista artística e literária que contou com a colaboração de escritores e artistas franceses e italianos; o terceiro casamento propiciou-lhe a criação da revista *Les Matinées Espagnoles*, desta feita uma publicação generalista que se dirigia a um público culto com artigos sobre política, economia e literatura, assinados, sobretudo, por espanhóis, portugueses (entre os quais o poeta Joaquim de Araújo e a romancista Guiomar Torrezão) e italianos.



Figura 1: Marie Rattazzi

Fonte: *La Revue Universelle*, 1902, nº 58, p. 162.

Em Portugal, Marie Rattazzi é conhecida pelos camilianos e pelos estudiosos que se interessam pela realidade política e cultural do último quartel do século XIX – basta pensar nas inúmeras citações que José Augusto-França dela faz na sua obra *O Romantismo em Portugal* a partir do livro *Le Portugal à vol d'oiseau*.

Mulher viajada, como acima se comprovou, tinha profundos contactos com a intelectualidade literária, jornalística, cultural e política ligada ao liberalismo moderado; era igualmente simpatizante do positivismo, facto que se percebe e vislumbra facilmente pelo seu alinhamento (e elogio) com Teófilo Braga e respetiva avaliação da literatura portuguesa.

Quando uma figura com estas características – mulher de letras, estrangeira, admirada e famosa socialmente – arribou a Portugal (fez uma primeira visita em 1876 e outra em 1878), os jornais da época não lhe pouparam nos elogios. As cartas de recomendação que trazia abriram-lhe as portas e o contacto com a alta sociedade portuguesa, nomeadamente importantes figuras públicas; foi, inclusivamente, recebida no paço e, por exemplo, o próprio

Alexandre Herculano terá feito questão de a cumprimentar e visitar, saindo do seu refúgio em Vale de Lobos. As festas e jantares literários que Maria Rattazzi organizou em Lisboa, segundo artigo saído na *Ilustração Portuguesa*, “deram brado pela sua magnificência e esplendor” (Ribeiro, 13/08/1921: 103) e contaram com figuras ilustres tais como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Guerra Junqueiro, Magalhães Lima e a sua amiga escritora Guiomar Torrezão.

Em 1879, Marie Rattazzi, em cumprimento da intenção que manifestara aquando das suas visitas ao nosso país, publicou em França o livro intitulado *Le Portugal à vol d’oiseau – Portugais et portugaises* onde faz uma análise intencional e nada inocente do que observa, caracteriza ou comenta: olhando à distância (*à vol d’oiseau*), num sobrevoo, assume uma perspetiva mais abrangente, mais contrastiva no sentido daquilo que, segundo afirma, acreditava ser a verdade e, daí, o seu texto ser claramente opinativo, polémico, jornalístico e direto, conforme o classificou José M. Justo (Justo 2004: 11). Na perspetiva deste mesmo ensaísta, o seu discurso reflete a mentalidade ‘positiva’ de um centro europeu civilizadamente evoluído face a uma “periferia mais fatalista, mais arcaica, mais conservadora, contraditória nos seus desejos de transformação e de manutenção dos equilíbrios instáveis, menos higiénica, menos ambiciosa, menos científica, menos centrada e cosmopolita” (Justo 2004: 12).

Segundo João Céu e Silva, em artigo publicado no *Diário de Notícias* de 5 de fevereiro de 2005, a coragem opinativa da autora é o aspeto mais interessante do livro; o jornalista expõe ainda:

Rattazzi tinha um espírito arguto, observador e crítico e, ao serem-lhe abertas todas as portas dos salões lusos, possuía um abundante manancial de informações para perorar e a exigir respostas inflamadas. No correr do seu texto não faltavam alfinetadas a uma sociedade parala e própria de uma periferia da Europa – que já nem podia viver das glórias das descobertas de 1500.

Sendo uma escrita com tais características (ela oferece aos leitores um espelho em que podem fazer uma autoavaliação), naturalmente que a obra de Marie Rattazzi provocou reações negativas em Portugal (mas também positivas, embora em menor número): 46 segundo Brito Aranha no *Dicionário Bibliográfico*, uma lista aumentada por Alexandre Cabral conforme informação na obra *Polémicas de Camilo Castelo Branco*, (vol. VII, 1982).

O livro, nas palavras de Patrocínio Ribeiro, “era escrito nesse humorismo especial que caracteriza o espírito de *blague* francez” e “foi mal com-

preendido no nosso meio” (1921: 104); por isso, “choveram imprecações sobre a cabeça de Madame Rattazzi”: Guerra Junqueiro chamou-lhe ‘Princeza Ratazana’, e até foi composta uma peça de música intitulada ‘A princeza Ratazina’ por um compositor de nome Gaspar (Ribeiro 1921: 104).

Como se percebe, o livro caiu como uma bomba no meio intelectual português que antes a obsequiara, desencadeando uma verdadeira tempestade e um extenso rol de ódios de estimação a Marie Rattazzi. Rafael Bordalo Pinheiro não faltou à chamada e publicou alguns desenhos da personagem nos jornais satíricos *António Maria* e *Álbum das Glórias*.



Figura 2: Caricatura Marie Rattazzi, por Rafael Bordalo Pinheiro
Fonte: Jornal *Antonio Maria*, 28 de junho de 1879.



Figura 3: Caricatura de Marie Rattazzi, por Rafael Bordalo Pinheiro
Fonte: Jornal *Album das Glorias*, nº 4, 1880.

Entre os que reagiram negativamente destacaram-se Camilo Castelo Branco, Urbano de Castro, conhecido pelo pseudónimo Chá-Ri-Vá-Ri (1880), ou Ramalho Monteiro que pôs a nu as “ratices da Rattazzi”, na obra *As ratices da Rattazzi: o pello nacional* (1880); em sentido positivo também surgiram diversas reações, em particular alguns textos de réplica a Camilo Castelo Branco assinados pseudonimicamente como Visconde de Villas Fortes (*A Princeza Rattazzi e Camillo Castello Branco. Refutação ao folheto d'este escriptor*, 1880), Anastácia Coquenard (*Madame Rattazzi: Lettre à M. Camillo Castello Branco*, 1880) e Hypólito Vargas (*Os críticos da Princeza Rattazzi*, 1880).

Numa carta que enviou a João Lobo de Moura, seu comparsa da Geração de 70, com data de 19 de janeiro de 1880, Antero de Quental descrevia o quadro mental provocado pelo livro de Rattazzi: “A Rattazzi, que passou dois invernos a desfrutar os literatos de Lisboa, publicou agora um livro sobre Portugal, delicioso. Imagine uma parisiense descrevendo, ao vivo, estes mirmidões! Não se fala noutra coisa, e está tudo furioso” (Martins 1989).

***Le Portugal à vol d'oiseau* e as impressões de Camilo**

O livro *Portugal de Relance* é composto, conforme já afirmado, por 25 cartas temáticas que têm como temas a família real, a instituição de títulos em Portugal, o clero, as procissões, a nobreza, os costumes do povo, o amor em Portugal, os espetáculos, teatro e casas de espetáculo, a lotaria, a banca, clima e agricultura, Lisboa e arredores, gramática portuguesa, épocas da literatura portuguesa e seus representantes, o exército português, a polícia, a justiça, a universidade, indústria e comércio, a província, o Porto, a política em Portugal, os monumentos históricos, os portugueses e as portuguesas, etc., abordados numa perspectiva narrativa que Flávia Nascimento e Claudio Paixão Anastácio de Paula consideram “muitas vezes jocosa e crítica, [mas que] deixa transparecer um encantamento pela cultura lusitana, permeada por certo mitos fundadores e arquétipos que persistem até hoje” (2022: 68-69).

Registam-se, em seguida, algumas citações ilustrativas de algumas dessas temáticas:

A mais activa ocupação da realza em Portugal é a instituição de títulos [...] Pode-se afirmar que a velha nobreza existiu, mas já hoje não existe. Em compensação há uma nobreza novíssima, que se multiplica como cogumelos, invasora e exuberante [...] Em Portugal não se obtêm facilmente os títulos de duque e marquês: é indispensável merecê-los. Os de conde são frequentes; os de visconde e barão dão-se a esmo (Carta I: 94).

Entre nós o clero reza, a nobreza é nobre, o povo trabalha e desfruta-se de completa liberdade. Aqui [em Portugal], o clero simula que reza, a nobreza que é nobre e o povo que é livre (Carta II, p. 100).

A qualidade de representante de Deus não o priva [o padre] do comércio dos mortais e dos gozos profanos [...] Passeia pelas ruas como um verdadeiro secular; frequenta os teatros e as sociedades, fuma, conversa e chega mesmo, não

raro, especialmente se reside no campo, a organizar suave e discretamente uma família de quem se constitui chefe (Carta II: 101).

Creio que não existe nenhum país no mundo onde haja mais cavaleiros sem cavalos, barões sem baronias, condes sem condados, marqueses e duques sem marquesados e sem ducados, que em Portugal (Carta IV: 131).

O povo português, além da bondade de coração, da brandura de costumes, da alegria, da lealdade e do bom humor, possui ainda mais duas outras qualidades: a docilidade e a paciência. Não é possível que exista gente mais tranquila, mais dócil, mais resignada. Medidas arbitrárias, actos violentos, deixam-no frio, não perturbando a sua inalterável placidez. É o estoicismo e o fanatismo combinados e elevados ao mais subido grau (Carta V: 145-146).

As proibições, em Portugal, são escritas ora em pergaminho, ora na película de uma cebola. Umas ficam, outras leva-as o vento (Carta IX, p. 191).

Quisera falar de estátuas de Vasco da Gama, de Bartolomeu Dias, de Fernão de Magalhães, de Albuquerque [...] mas é impossível realizar o meu desejo [...] o governo ainda até hoje não pensou em honrar esses ilustres mortos [...] Ó meu querido Portugal! Desejaria um pouco menos de condecorações para os teus pequenos vivos e um pouco mais de homenagens para os teus grandes mortos (Carta XIV: 277).

É indispensável convir que a justiça em Portugal é claudicante e morosa [...] há demandas que caducam nos tribunais durante muitas gerações (Carta XIX: 356).

A aplicação da lei em Portugal é rápida e inexorável para os pobres, modificando-se sensivelmente quando se trata de burgueses abastados; e completamente, a ponto de não exercer o seu predomínio senão constrangida, sempre que se dirige a pessoas de elevada condição (Carta XIX: 357).

O Banco Ultramarino expiou, como o Banco de Bruxelas, as levandades de uma péssima administração e o abuso de um guarda-livros, de um exército de empregados e de diretores que meteram a mão nas algibeiras... dos outros, postas sob a sua salvaguarda. Com que direito aqueles que administram os dinheiros públicos, aos quais as Cortes consignaram destino especial, podem aplicá-los em socorrer um banco em falência?

[...]

As *Farpas* são a história humorística da sociedade portuguesa contemporânea. Esta obra de crítica de costumes há-de resistir à acção demolidora do tempo (Carta XVIII: 345).

Teófilo Braga, escritor moderno na acepção da palavra, o mais estudioso e consciencioso de todos quantos trabalham em Portugal [...] é, em resumo, um homem de grande talento que chegou, mediante um trabalho imenso e infatigável, ao perfeito conhecimento do mundo físico e do mundo moral (Carta XVIII: 346-347).

Em modo preventivo, Marie Rattazzi já escrevia no prefácio à edição francesa:

Não desconheço os grandes e pequenos dissabores que este livro me há-de acarretar. Uns dirão que vi como ‘cega e estudei como idiota, outros que embelezei a meu bel-prazer e, estes últimos encolerizados, não levando em conta a cor humorística deste livro, escrito à pressa, de relance [...] ameaçar-me-ão com os seus raios [tradução nossa].

A polémica surgida à volta da obra deu, seguramente, um impulso decisivo para a edição portuguesa (1881) que inclui um “Novo Prefácio da edição portuguesa” da autora em que faz a defesa do seu texto e responde aos seus críticos.

Convém abrir aqui um parênteses e elaborar um pouco sobre Camilo e a polémica; tal como afirma Sónia Valente Rodrigues (2005: 849),

Na obra de Camilo Castelo Branco a polémica ocupa, a par do romance, um lugar de charneira, não só pelo valor das polémicas e pelo modo como este escritor polemiza mas também pela transversalidade que a polémica assume na sua produção, estendendo-se quer pela escrita jornalística quer pela escrita ficcional.

Segundo Alexandre Cabral, reputado camiliano, “ao longo da sua prodigiosa existência de publicista [...] a polémica surge como uma constante do seu temperamento”, contabilizando este ensaísta 36 polémicas em que Camilo se envolveu e considerando que “[...] não nos espanta se viermos a descobrir mais algumas em pesquisas ulteriores” (Cabral 1981, vol. II: 11). Na opinião de Jacinto Prado Coelho, que compara a fama de romancista à de polemista no escritor de São Miguel de Seide,

Camilo fez versos líricos, teatro, crónica, pesquisa erudita, história e crítica literária, mas onde a sua personalidade se afirmou de modo incomparável foi na ficção novelística e na polémica. Algumas das suas pugnas verbais são quase

tão famosas como o Amor de Perdição ou A Brasileira de Prazins (Coelho 1967: 75).

Por seu turno, José Régio, no ensaio “Camilo, romancista português”, expõe a importância da polémica mesmo nas linhas de força discursivas do romance camiliano:

O comediógrafo, o versejador, o historiador, o cronista, o apreciador literário esfuma-se em Camilo, perante o romancista e o novelista [...]. Porém, o polemista mantém-se resistente, e a razão é simples: na polémica exercita Camilo, sem baixar de grau, algumas das forças que caracterizam o seu romance [...]. Falamos do seu sarcasmo; do seu dom de *fazer ver* ridículo e grotesco; do seu poder de troca, caricatura, paródia; da sua extraordinária fantasia cómica (Régio 1980: 152).

A polémica de Camilo Castelo Branco com Maria Rattazzi é considerada por Sónia Rodrigues (2005), num esquema que organiza segundo diferentes conceitos definitórios específicos, como sendo um confronto de opiniões que envolve quer o campo discursivo quer o campo extra-discursivo; está-se perante um conceito que, singelamente, define a polémica como uma troca verbal em que há, pelo menos, dois textos que se confrontam e afrontam: o texto de Camilo intitulado *A Senhora Rattazzi* (1880) e a resposta da sobrinha-neta de Napoleão III no prefácio que insere na tradução portuguesa do seu livro.

O que terá motivado Camilo a abrir as hostilidades contra o texto de Marie Rattazzi? Qual a importância do texto do novelista de São Miguel de Seide neste contexto da polémica entretanto gerada?

Em primeiro lugar, por ter provocado a produção de outros textos, talvez induzidos pela importância do primeiro polemista; como bem assinalou Justo (2004: 14), Camilo era, à época, a figura máxima do “conservadorismo estético e político que reage contra a geração de 70, contra o cosmopolitismo das Conferências do Casino ou contra as inovações ‘positivantes’ de Teófilo Braga”, o que dava um possível quadro comparativo para a avaliação da recepção do livro de Marie Rattazzi, nomeadamente quanto às suas intenções. Em segundo lugar, convém lembrar que Camilo Castelo Branco, também por esse tempo, fazia uma intensa intervenção político-literária com vista a obter um reconhecimento generalizado a que se tinha por direito e, mesmo, alcançar um título de nobreza (o que viria a acontecer em 1885, o baronato Correia Botelho, como é sabido) ou, explicando melhor, Camilo assumia-

se como o representante das ideias e valores mais facilmente aceites junto da opinião pública, a saber, uma mentalidade tradicionalista, antifeminista e, sobretudo, nacionalista, num quadro favorável da crise política vigente. Mas o que gerou a acrimónia de autor de *A queda dum anjo* foram as referências diretas que Marie Rattazi fez à sua obra; escreveu a sobrinha-neta de Napoleão I:

Camilo Castelo Branco, que parece condenado aos trabalhos forçados da literatura portuguesa, escreve, escreve, escreve incessantemente. Se essa tarefa implica uma obra útil e duradoura, é questão controversa; que ela significa uma produção fecunda, isso nem ousará duvidar. A quantidade, segundo parece, supre, por vezes, a qualidade. Dotado de uma actividade laboriosa, infatigável, igual à de uma legião de formigas, Camilo acumula romances contemporâneos sobre romances históricos, com uma perseverança e continuidade que desafiam a imaginação mais fértil. É uma espécie de Quevedo com um certo sentimentalismo católico. Particularidade curiosa: todos os romances do solitário de S. Miguel de Seide contêm infalivelmente um tipo de brasileiro, uma rapariga que se recolhe a um convento, um fidalgo de província e um romântico apaixonado e transparente (Rattazzi, Carta XVIII: 336-337).

Perante este texto (e o alinhamento de pensamento e louvor de Marie Rattazzi com Teófilo Braga) percebe-se a irritação de Camilo Castelo Branco com a depreciação da sua capacidade literária e, obviamente despeitado, reagiu publicando estrondosamente o texto *A Senhora Rattazzi*, num tom agressivo e sarcástico, fazendo insinuações maldosas sobre a vida pessoal da autora.

Registam-se alguns epítetos jocosos seleccionados com que Camilo brindou Marie Rattazzi:

“Senhora princesa”; “shocking irlandesa”; “mulher irreligiosa” “atriz patusca”; objeto colorido”; mulher das arábias”; “boa da romântica”; “a ignorante”; “conquilha poetisa”; “princesa vadia”; “pássara”; “trapalhona”; “Princesa Ratazana”; “desbragada sem cerimónia”; “patarata”; “a ragged woman”; “viúva duplicada de mãe e de velha”; “inglesa ridícula”; “fina flor fanada”; “tola conscienciosa”; “escritora liberalista”; “senhora que tem apenas a carne indispensável parta não se confundir com um fluido”

... e ainda alguns outros claramente insultuosos:

“mulher de taberna”; “os namorados [nas obras de Camilo] são tantos que nem a senhora francesa é capaz de ter tido mais”; “tanto monta ouvi-la na sala como

na taberna”; “princesa vadia”; “irlandesa [que] nos visita de penteador de rendas transparentes e chinelinha de chinchila”.

O livro de Rattazzi, segundo Camilo (1880), era “indiscreta obra mexeriqueira”, incluía “versos [...] muito ordinários”, não passava de uns “alinhavos atrapalhados” e exprimia a “parvoeza da sra. Rattazzi”.

Segundo conta Patrocínio Ribeiro (1921: 104), os exageros de Camilo foram de tal monta que resultaram num desafio para um duelo feito pelo então marido de Rattazzi, o espanhol D. Luiz de Rute, que, aliás, nunca chegou a acontecer.

O texto de Camilo, como já sobredito, foi o tiro de partida para a designada ‘questão Rattazzi’, que durou alguns meses, comprovando que o livro não deixou ninguém indiferente e suscitou um conjunto de reações por parte de quem sentiu o orgulho de ser português ferido: uma polémica puramente literária transformar-se-ia numa questão quase à escala nacional, com destaque e gáudio dos patriotas de gema, radiantes com a violência dos ataques dirigidos à desafortada de origem francesa, a essa “velha pândega vadia” como a etiquetou o romancista de Seide.

Camilo não gostou da opinião de Rattazzi, nem tão pouco lhe agradou ser avaliado e criticado por uma mulher. Aliás, como afirma, porque foi “criado no velho noticiário, tendo de anunciar o produto de uma dama dado à luz, antes quisera, em vez de um livro bom, anunciar um menino robusto” (1880: 1-2). Percebe que, para ele, escrever não era propriamente uma tarefa de mulheres e, por isso, tinha como “muito mais simpática a feminilidade das mães pálidas, com olheiras [...] que aconchegam nos seios exuberantes a criancinha rosada recém-nascida” do que uma mulher escritora que o não comove e antes se “envaidece na brochura que deu à luz” (1880: 2). O anti-feminismo da época e a consequente misoginia ajudam a explicar tudo isto, mas é de justiça dizer que é este o tom e o posicionamento de Camilo que permeia argumentativamente todo o texto – “mulher escriptora, por via de regra pouco exceptuada, é um homem por dentro” (p. VII) -, que é repetidamente deselegante e malcriado, com remoques não apenas à qualidade da obra de Rattazzi mas, sobretudo, à sua vida pessoal.

O despudor e despeito de Camilo foi de tal monta que chega a desejar que a Rattazzi “venha a acabar de doença reles, com pedra na bexiga, hidrópica, com lombrigas, com grandes perturbações flatulentas no seu aparelho digestivo” (1880: 4).

Sarcástica e depreciativamente, nomeia a escritora pelos seus diferentes

apelidos – Princesa Marie de Studolmire Wyse; Madame Marie de Solms; Madame Rattazzi; senhora de Lute – isto é, uma mulher de muitos homens.

Tomando-a por irreligiosa (porque na sua leitura não valoriza o clero e o culto à portuguesa), declara que “a princesa espirra fagulhas de espírito forte, dum solteirismo cediço, com um deslante extraordinário em mulher” (1880: 5) e, por tal afoiteza, “tanto monta ouvi-la na sala como na taberna” (1880: 6).

Segundo Camilo, “uma inglesa ridícula equivale a dois ingleses ridículos” (1880: 21) e, se como escreveu Alexandre Herculano (dito que o próprio cita), “Dous ingleses ridículos são incontestavelmente as duas coisas mais ridículas deste mundo” (1880: 21), percebe-se o alcance do chiste camiliano à inglesa ‘ridícula’ Maria Rattazzi!

Acusa a escritora de pôr “Em inquisição de tortura [...] a pobre língua” (1880: 24) porque a edição francesa regista mal a grafia dos nomes portugueses e destaca que esta “princesa vadia” não tem para pôr em causa a autenticidade de uma obra Mendes Leal, como fez.

Ridiculariza igualmente o título da obra, traduzindo-o livremente por “Portugal a voo de pássara” (1880: 25), o que é um evidente insulto (brejeiro e indecente) à autora que acusa igualmente de fazer “chalaças de ‘estaminet’ entre dois petits-verres de anisete”.

O que mais doeu a Camilo foi, como já dito, o juízo emitido sobre as suas obras: Rattazzi reconhece-lhe a valia de autor prolífico, mas desconfia da qualidade da obra produzida. Lembre-se, de novo, que Camilo lutava pelo reconhecimento/consagração públicos e tal opinião sobre a qualidade controversa da sua obra terá doído muito e atacou-a pelo dado pessoal uma vez mais insinuando a sua vida dissoluta quando escreve: “[Rattazzi] cita quatro novelas, e por casualidade nenhuma delas tem ‘brasileiro’, porém, quanto a namorados, são tantos que nem a senhora princesa é capaz de ter tido mais” (1880: 26).

Porque a Rattazzi elogia Teófilo Braga, Camilo destilou neste panfleto toda a azia e, ao que parece, ódio pessoal, que nutria pelo escritor, ensaísta e político açoriano:

Os livros do Sr. Teófilo são uma balbúrdia, retraços de ciência apanhados a dente, mal mascarados, um cérebro atrapalhado como armazém de adeleiro [...] coisas apocalípticas, muito desatadas, em prosa deslavada, derreada, enxarcia-da de galicismos, caótica, apontoado enxacoco de retalhinhos apanhados à toa numa canastra de apontamentos baralhados (1880: 29).

E remata emparelhando agora estes seus dois ódios de estimação: “A cabeça toa-lhe a vaziao em competência com a da sua admiradora. Todo ele é uma bexiga de gazes maus” (1880: 29).

Não contente com os remoques ácidos, insinuações e insultos dirigidos à Rattazzi, Camilo traça uma justificação final nas suas origens familiares (a sua falta de qualidade estaria nos seus genes), aproveitando um azedume ainda bem latente no imaginário português resultante das invasões napoleónicas e escrevendo com ironia (1880: 34) : “A crueza e indignidade [da Rattazzi] [...] não desafinam das tradições corsas da sua família, mas que será difícil encontrarem-se numa senhora de ‘la haute vie’, uma irlandesa para além do mais, uma Wyse, fina flor fanada da ‘gentry’” (= cavaliariça; gentilidade).

Na continuidade da sua acrimónia Camilo declara, colocando-se sob um nacionalismo evidente e apelando à sua causa, que “o seu renome de desbragada sem-cerimónia ganhou-o em Itália e Paris” e diz ter vergonha “de que um ou outro português, desnacionalizados por despeitos pessoais e políticos, se compraza de ver os seus conterrâneos enxovalhados pela Sra. Rattazzi, cuja maledicência é notoriamente europeia” (1880: 36).

Após pôr em causa a valia dos seus “diplomas principescos” e “morgadios realengos” (1880: 37), Camilo Castelo Branco conclui a sua diatribe sobre o livro de Marie Rattazzi: “O seu livro não é cano de escorrências muito nauseabundas, nem é canal de notícias úteis, tirante a dos hotéis infamados de percevejos; não é pois cano, nem canal; mas é canudo, porque custa sete tostões e, vá de calão, como troço e bexiga é caro” (1880: 29-30). O tom discursivo é claro, confirmando toda uma narrativa joco-sarcástica, não deixando lugar a dúvidas sobre as perceções que a visão de Portugal, dos portugueses e das portuguesas apresentada por Marie Rattazzi gerou no autor de *Eusébio Macário*.

Conclusão

O texto de Camilo é fraco. Aponta algumas imprecisões à obra *Le Portugal à vol d’oiseau*, critica as escolhas feitas pela autora de alguns representantes da literatura lusa e alguns erros ortográficos nos antropónimos da versão francesa do texto de Marie Rattazzi; mas, o que fica claro é, sobretudo, a crítica maldosa à mulher independente e não submissa, à mulher que, embora usasse os apelidos dos diferentes maridos, teve uma vida própria arrogando-se um papel social que Camilo entendia ser um exclusivo mas-

culino; daí este discurso absolutamente machista sobre o que são mulheres escritoras, apesar de ter que se dar o devido desconto e fazer o respetivo enquadramento cultural em virtude da época em que foi escrito. De facto, a maioria das impressões registadas por Camilo não são críticas, mas apenas ofensas gratuitas à mulher e escritora, aproveitando o ensejo para acertar contas com quem não apreciava no panorama crítico-literário nacional.

As maiores observações sobre Portugal e os portugueses que Marie Rattazzi faz nem sequer suscitaram qualquer comentário por parte do romancista de São Miguel de Seide; por isso, está-se perante um texto que de crítica textual objetiva tem quase nada, sendo mais um libelo insultuoso. Claro que o livro *Le Portugal à vol d'oiseau* tem os seus exageros, as suas imprecisões, até alguma ousadia opinativa pouco sustentada e até justificaria resposta, mas o registo de baixo nível utilizado pelo autor de *Amor de Perdição* não foi, definitivamente, uma resposta à altura.

Em suma, a denominada 'Questão Rattazzi' revela mais sobre as tensões intelectuais e os preconceitos da sociedade portuguesa do último quartel do século XIX do que sobre a objetividade factual da obra que a originou. O livro de Marie Rattazzi, pela carga pessoal opinativa, poderia e até mesmo mereceria leituras críticas diversas, mas a reação de Camilo Castelo Branco em *A Senhora Rattazzi* pautou-se unicamente por um tom agressivo, sarcástico e profundamente misógino, focando-se em ataques à vida pessoal e à condição feminina da autora em vez de contestar as suas críticas socioculturais de forma fundamentada. O texto camiliano, embora brilhante no seu uso do sarcasmo e da caricatura, pode ser considerado um panfleto insultuoso que pouco contribuiu para uma crítica textual objetiva. No entanto, o embate entre o cosmopolitismo de Rattazzi e o nacionalismo tradicionalista de Camilo permanece como um documento histórico valioso. A obra de Marie Rattazzi, apesar das críticas, sobreviveu como um fino e arguto testemunho que, nas palavras de observadores contemporâneos, continua a manter alguma atualidade ao captar mitos e arquétipos da cultura lusitana que ainda hoje se observam.

Referências bibliográficas

- Augusto-França, José. 1999. *O Romantismo em Portugal*. Livros Horizonte.
Branco, Camilo Castelo. 1880. *A Senhora Rattazzi*. Livraria Ernesto Chardron.
Cabral, Alexandre. 1981. *Polémicas de Camilo Castelo Branco*, vol VII. Livros Horizonte.

Castro, Urbano de. 1880. *A Princesa na berlinda. Rattazzi à Vol d'Oiseau com a biografia de sua alteza*. Typographia Portuguesa.

Coelho, Jacinto Prado. 1964-1967. “As polémicas de Camilo”. In *As Grandes Polémicas Portuguesas*, 2º vol. Editorial Verbo.

Coquenard, Anastasie (1880). *Madame Rattazzi: lettre à M. Camillo Castello Branco*. Imprensa Democrática.

Justo, José M. 2004. “Introdução”. In Rattazzi, Maria. *Portugal de Relance*. Antígona.

Martins, Ana Maria (org.) (1989). *Antero de Quental – Cartas I*. Editorial Comunicação.

Monteiro, Ramalho. 1880. *As ratices da Rattazzi: o pello nacional*. Typographia do Jornal da Manhã.

Nascimento, Flávia e Paula, Claudio Paixão Anastacio. 2022. “O imaginário turístico na obra Portugal de Relance: uma mitanálise”. In *Dos Algarves: Tourism, Hospitality and Management Journal*, nº 42, pp. 63-77.

Pinheiro, Rafael Bordalo. 1879. Caricatura de Maria Rattazzi. In Jornal satírico *Antonio Maria*, 21 de junho.

Pinheiro, Rafael Bordalo. 1880. Caricatura de Maria Rattazzi. In Jornal satírico *Album das Glorias*, nº 4.

Rattazzi, Marie. 1879. *Le Portugal à vol d'oiseau. Portugais et Portugaises*. A. Dgorcet-Cadot Editeur.

Rattazzi, Marie. 1880. *Lettre à Camillo Castello Branco*. Imprensa Democrática.

Rattazzi, Maria. 1881. *Portugal de Relance*. Livraria Zeferino – Editora.

Régio, José ([1964]1980). “Camilo, romancista português”. In *Ensaio de Interpretação Crítica*. Brasília Editora.

Ribeiro, Patrocínio. 1921. “A Princesa Rattazzi através da caricatura”. In *Ilustração Portuguesa*, II série, nº 808, pp. 103-105.

Rodrigues, Sónia Valente. 2005. *Contributo para o estudo da polémica em Camillo Castello Branco: a diversidade de formatos discursivos*. FLUP, pp. 849-865.

Silva, João Céu (2005). “Uma fogueira de vaidades para queimar Maria Rattazzi”. In *Diário de Notícias*, 5 de fevereiro.

Vargas, Hippolyto. 1880. *Os críticos da Princesa Rattazzi*. Imprensa de J. G. de Sousa Neves.

Villas Fortes, Visconde de. 1880. *A Princesa Rattazzi e Camillo Castello Branco. Refutação ao folheto deste escriptor*. Typographia da Luz do Povo.